

Próprio 29 – Domingo Anterior ao Advento

1ª leitura (Antigo Testamento) – Daniel 7.9-14

1º comentário:

O livro de Daniel muda a partir do capítulo 7 incluindo visões proféticas cheias de simbolismo que fazem parte do gênero apocalíptico do Antigo Testamento junto com Zacarias 9-12. A apocalíptica surge do diálogo entre a linguagem histórica e concreta do judaísmo e a linguagem abstrata do helenismo. Do judaísmo a apocalíptica toma a idéia de que Deus age na história e não acima dela como as divindades gregas. Então no meio de uma bela e variada simbologia são colocadas referências históricas. Do pensamento grego a apocalíptica toma a idéia de que Deus transcende os limites do passado pois é anterior a existência humana e supera os limites da experiência presente porque esta acima da história.

A visão do texto deste domingo apresenta os quatro impérios que, até o momento em que estava sendo escrito o livro de Daniel, tinham governado o mundo no qual viviam os judeus. Primeiro os Babilônicos (ou Caldeus) que destruíram o Templo e levaram o povo ao exílio por mais de 40 anos (leão alado). Se olharem os templos da Babilônia verão inúmeros animais alados. O segundo eram os Persas (ou Medos) representados pelo urso que tinha conquistado Assírios, Babilônicos e Egípcios e ainda queria mais. O terceiro era o Império Grego de Alexandre que foi dividido, após sua morte, entre quatro generais (leopardo). O quarto animal é Antíoco 4º, um dos generais de Alexandre, que governava a Síria e se apossou também da Palestina, cuja capital era Antioquia. Este último é chamado de: "terrível" e "medonho" (cf. Bíblia Sagrada – Vozes). Ele foi um perseguidor implacável dos judeus religiosos ou *hasidim* ("piedosos"). Este texto será reintrepetado em Apocalipse 13 aplicando os qualificativos de Antíoco 4º ao Imperador romano Nero (outro perseguidor). O quarto animal poderia ser um elefante usado pelas tropas dos Antíocos (cf. 1 Mc 1,17; 3,34 e 8,6; cf. comentário da Bíblia Sagrada Vozes). O chifre pequeno (7,8) é o próprio Antíoco reconhecido pela sua arrogância (7,11^a). Deus é representado como um ancião (daí a imagem de Deus como um velho de barba branca), isto é, parecido aos sacerdotes judeus. Deus anuncia o fim da opressão de Antíoco pois a justiça divina tarda mas não falha (v.9-11). O versículo 12 esclarece que como os impérios anteriores perderam sua soberania o mesmo aconteceria com este último. Então no versículo 13 aparece o "filho de ser humano" título que simboliza todas as pessoas fiéis e não apenas um messias. Depois Jesus atrairá para si este título no sentido de que ele ao mesmo tempo "filho da humanidade", verdadeiramente humano, e "filho de Deus", verdadeiramente divino.

As visões apocalípticas representam para nós o desafio de compreender a participação de Deus na história sem limitar sua ação as limites de nossa compreensão permitindo que sonhemos com a vitória sobre todas as forças históricas e transcendentais que opõem a vida. (HMG)

2º comentário:

Nos anos da repressão política no Brasil os censores do governo militar proibiam jornais de publicarem notícias desfavoráveis ao governo e também artistas de exercerem seu legítimo direito de protesto. Por isso alguns artistas recorriam à linguagem poética e figurada para divulgarem suas idéias sem que a censura os barrasse. Jô Soares, por exemplo, apresentava uma peça de nome sugestivo: "Viva o gordo e abaixo o regime!" – Quem tem ouvidos para ouvir, ouça! Chico Buarque de Holanda" demorou anos para poder gravar "Apesar de você", "Cálice" e outras canções em que a poesia protestava ostensivamente contra o regime. Usando o versículo bíblico "Pai, afasta de mim esse cálice", Chico compôs a melodia de tal modo que o substantivo "cálice" era cantado enfaticamente, destacando-se como um grito que se tornava um verbo: "Pai, afasta de mim esse 'Cale-se!'" . O mesmo Chico Buarque foi co-autor de uma famosa peça de teatro infantil chamada "Os saltimbancos" (que todo adulto deveria assistir) onde quatro animais – um jumento, uma galinha, um cachorro e uma gata, cada qual representando segmentos da população brasileira – revoltam-se contra os patrões que lhes oprimiam.

Assim funcionava também a literatura apocalíptica nos tempos bíblicos. Os inspirados e perseguidos autores interpretavam a história de opressão de sua época e conclamavam à paciência, resistência e esperança. O texto de Daniel 7 se insere nessa tradição. Era impossível divulgar qualquer texto que incentivasse a resistência ao governo de Antíoco Epífanes. Por isso os autores empregaram a linguagem apocalíptica que era compreendida pela cultura judaica oprimida, mas não podia ser decifrada pelos opressores. Por isso os verbos são usados no futuro. Mas, na verdade, o texto referia-se ao passado e ao presente daquela época e, sem dúvida, também ao futuro, que corresponde ao nosso presente.

A maioria dos pesquisadores do Antigo Testamento concorda que o leão com asas de águia representava a Babilônia. O segundo, o urso, referia-se ao reino medo que acabou integrando os domínios de Ciro. O terceiro animal, o leopardo com asas e quatro cabeças simbolizava a Pérsia. O quarto animal, "assustador, terrificante, extremamente vigoroso, com monstruosos dentes de ferro e dez chifres" referia-se à dominação grega da época. Era uma engenhosa forma de contar e de explicar a história.

Neste último domingo do tempo comum, véspera do advento, somos convidados pelo texto a identificar os monstros que devoram e oprimem o povo, desrespeitam o Deus libertador, desconsideram a sabedoria popular e globalizam a miséria e a violência. Um bom cântico para ser entoado na liturgia de hoje seria: "Hoje você é quem manda, falou tá falado, não tem discussão/ a minha gente hoje anda falando de lado e olhando pro chão... você que inventou esse estado e inventou de inventar toda escuridão... você vai se amargar vendo o dia raiar sem lhe pedir licença, e eu vou morrer de rir que esse dia há de vir antes do que você pensa... Apesar de você, amanhã há de ser outro dia... ainda pago pra ver o jardim florescer qual você não queria...". Quem tiver ouvidos para ouvir, ouvirá o que diz o Espírito. (CEBC).

2ª leitura: Apocalipse 1.1-8

É uma introdução cheia de esperança e liberdade de um livro escrito por um exilado forçado para os perseguidos. Patmos era uma ilha, onde o Império Romano “colocava os rebeldes, para os privar de suas atividades zelosas”. Por causa da Palavra e do testemunho de Jesus Cristo, isto é, ele se opunha à adoração do sistema imperial. Conforme a Carta de Plínio X, havia cristãos que mostravam resistência muito forte contra adoração do Imperador nas festas cívicas e que boicotavam o consumo de carne sacrificada vendida ao preço acessível ao consumidor de baixa renda. O alastramento disso foi a preocupação do governador por colocar a economia em perigo. Como profeta, o autor da Carta era itinerante e como tal um agente potencialmente perigoso. (Ver Wengst, Pax Romana).

O que se destaca é a descrição Daquele que enviou Jesus Cristo e da Igreja e de Cristo. O propósito da seleção por parte do lecionário está nos vs. 4 a 8. Porém o cerne do Apocalipse está nas palavras introdutórias. “Esta é a revelação de Jesus Cristo” e tudo quanto João viu é a Palavra de Deus e testemunho de Jesus Cristo, em relação ao que estava acontecendo em seus dias. E o que ele viu foi dirigida por meio de figuras e símbolos para desmascarar a realidade iníqua e descortinar horizontes de esperança, o novo céu e a nova cidade.

Como nas cartas paulinas o Livro começa com a saudação: “graça e paz” dirigida para a comunidade de reis e sacerdotes, (vs.6). A graça, que antecede à nossa ação de graças e a possibilita, é expressa por meio de símbolos litúrgicos da ação de Deus bem perto de nós com sua perfeição (sete, número de perfeição), da ação do Trino Deus. O paradoxo do “primogênito dentre os mortos”, que nos remete à vulnerabilidade da Cruz, e do “soberano do rei dos reis” tem o potencial para a apreciação mais profunda do que dizemos por Deus e seu reinado.

Ele nos ama e esse amor é demonstrado no que diz o autor, nos libertou do domínio do pecado por meio do derramamento de sua vida. É a figura do servo em Isaías 53. É a morte em humilhação. Nessas condições a graça traz a paz e a reconciliação para todos. Esse amor que nos precede e nos acompanha pelo sofrimento como Cordeiro vitorioso qualifica o poder de Deus, Todo-poderoso ou Onipotente Deus.

Na virada do Ano Cristão, o recorte para hoje é bastante sugestivo.

Santo Evangelho: Marcos 11.1-11

Algumas culturas ao redor do mundo se caracterizam por nutrir a crença de algum evento escatológico que possui um caráter divino e o poder de mudar a realidade. Era assim com os judeus também. Desde o princípio da religião judaica que a esperança pela chegada do Messias contagiava a todos. O Messias seria aquele que restauraria o trono de Davi, seu pai, e recolocaria Israel no centro da política mundial ao subjugar o grande opressor identificado com Roma.

Podemos, portanto, compreender que a caminhada de Jesus em direção a Jerusalém foi cercada de uma grande expectativa. Diariamente as pessoas de Jerusalém, que ouviam da fama de Jesus, tomavam ciência do quão perto ele estava. Até que chegou o grande dia. O Messias estava à porta. Tudo estava preparado para a chegada triunfal daquele que seria o salvador de

Israel. E eis que, quando todos esperavam um imperador com um enorme séquito e uma grande pompa, eis que aparece, montado em um jumentinho, Jesus de Nazaré. Alguém bem poderia perguntar: que Messias é este? É para responder a esta pergunta que, com base no texto de hoje, afirmaremos que este Messias possui pelo menos três características.

Em primeiro lugar, este é um Messias humilde. Qual não deve ter sido a surpresa de todos os que estavam ali, na porta da cidade, ao ver um homem humilde, vestido com roupas humildes, montado em um jumentinho, no lugar de um líder militar, coberto de honrarias e montado em um corcel. O que era mais desconcertante é que nem mesmo o jumentinho era dele!! Foi preciso pedi-lo emprestado para que Jesus entrasse em Jerusalém.

Jesus, hoje, quer nos ensinar que não adianta procurar o Reino de Deus em meio ao esplendor e ao luxo. Não adiante tentar procurá-lo entre os que exercem domínio sobre as nações. Seu Reino, antes, deve ser buscado entre os pobres e os despossuídos.

Em segundo lugar, este é um Messias pacífico. A segunda decepção da multidão ocorre quando eles vêem aqueles que estão com Jesus. Um punhado de pescadores empoeirados e mal vestidos aparecem onde todos esperavam ver o desfile de um exército pomposo e cheio de garbo. Jesus não vem ladeado por um exército, mas por discípulos, que estão prestes a aprender a maior de todas as lições. Ao invés de uma parada militar aparecem homens experimentados, trabalhadores dispostos a servir a Jesus. Diante desta cena desconcertante a multidão, ao invés de rejeitar a Jesus, o recebe com um clamor por salvação. Eles dizem "hosaná" ao que vem em nome do Senhor! Esta expressão "hosaná" significa "salva-nos"!! Ainda hoje podemos cair diante dele e clamar com toda a força de nossa alma: salva-nos Senhor!! Podemos clamar porque ele prometeu: "clama a mim e responder-te-ei e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes que não sabes"!

Em último lugar, este é um Messias religioso. Todos esperavam um Messias político, que pudesse dar fim ao domínio de Roma sobre a Palestina. Este Messias político deveria, ao entrar na cidade, se dirigir diretamente para o centro do poder. Ele deveria se dirigir até o palácio de Herodes para anunciar que a redenção dos judeus havia chegado. Mas não foi para lá que ele se dirigiu. Jesus foi em direção ao templo. O templo era o lugar apropriado para o seu conflito. Era em torno do templo que a adoração ocorria e, portanto, era em torno do templo que o ministério de Jesus teria seu auge. Ao não encontrar ninguém no templo, ele dá a volta e retorna para voltar no dia seguinte.

Quem é Jesus para você? Um líder político? Um grande mestre de moral? Ele se apresenta diante de nós hoje como o Messias. Como aquele que veio responder às nossas expectativas de salvação, mas seu Reino não pode ser confundido com as instâncias que nos cercam. Nem mesmo o templo pode ser identificado com o Reino, e é justamente aqui, no templo em que estas verdades precisam ser pregadas mais uma vez. (JLFA)